

Capítulo segundo

Introdução à metafísica grega

I. A origem egípcia da filosofia. O mito como elemento do discurso filosófico. O Orfismo na origem das concepções religiosas.

Entender Platão não constitui tarefa simples. Além dos inúmeros pressupostos necessários, como entender a língua, a cultura, o contexto e a história de nosso personagem, é indispensável também entender como Platão chegou à forma e ao conteúdo de sua filosofia, um aspecto constantemente ignorado pelos comentadores. Platão e sua filosofia constituem o resultado de uma geração de filósofos que buscou absorver conhecimentos de outros povos, principalmente o egípcio, reelaborar esses conhecimentos em discursos lógicos e racionais (matemático e geométrico), articular os conteúdos descobertos e, finalmente, sintetizar essa compreensão em torno de um sistema filosófico. Essa última etapa, como veremos, foi realizada por Platão. Para entender como esse movimento ocorreu, é imperativo percorrer os principais filósofos pré-socráticos, buscando caracterizar, não uma diversidade de opiniões, mas um caminho evolutivo de pensamento que culminou na filosofia platônica. O tema, apesar de não constituir objeto deste trabalho, é fundamental para a compreensão do platonismo.

Primeiramente, há que se considerar que a antiga Grécia não pode ser reduzida a um local geográfico, pois estava fragmentada em cidades-estados, não cabendo-se falar de um Estado nos moldes modernos. O “mundo grego” não era delimitado por fronteiras, mas principalmente pelo uso corrente da língua e cultura grega, o que abrangia grande parte do Mediterrâneo.

A filosofia, conta Aristóteles, tem autor, data e local de nascimento: trata-se de criação de Tales de Mileto. Essa afirmação, questionável, sugere que antes de Tales não havia pensamento. Claro que nem mesmo os defensores dessa ideia seriam assim tão radicais. Porém, a verdade não está muito distante. Tales é conhecido como o primeiro filósofo porque seria dele a primeira proposição concreta de uma explicação racional para a realidade. Ocorre que defender essa ideia implica defender que não houve qualquer pensamento articulado ou sistematizado, por exemplo, no mundo egípcio, uma civilização de sucesso que perdurou por mais de dez mil anos, como afirma Platão no *Timeo*. Não parece razoável. Mais razoável parece considerar que Aristóteles, de forma deliberada e temerária, tenha usurpado essa herança e atribuído a seu próprio povo a origem desses conhecimentos. E aqui reside um ponto de fundamental relevância para se considerar: a filosofia trata de um certo conhecimento ou de uma forma de pensamento?

Para a tradição, a grande invenção grega teria sido o surgimento de um naturalismo científico que tentou explicar a realidade sem dogmas e sem o uso de mitos. Para eles, a filosofia seria realmente uma conquista grega, pois nunca antes houve um pensamento analítico sobre a natureza. Entendem então que a essência da filosofia está relacionada a uma certa maneira de pensar a realidade, como um método ou uma “fenomenologia”. Ocorre que por mais que os gregos tenham adotado, em parte, uma nova abordagem, nada poderia caracterizar melhor o pensamento filosófico clássico do que um certo conteúdo.

O termo *filosofia* significa *amizade ou amor à sabedoria*. Nesse sentido, parece fundamental tentar entender o significado do termo sabedoria se o objetivo for investigar se procede a tese de invenção grega. Para os modernos, sabedoria estaria associado a uma grande competência cognitiva ou ao domínio de um grande acervo de conhecimentos. Porém, essa acepção não parece ser adequada à palavra *filosofia*, pois quem é amigo, é amigo de alguém ou de algo, em um sentido muito mais concreto, como típico do vocabulário antigo. Assim, não parece que *sabedoria* indicasse uma metodologia ou forma de conhecimento. Resta então considerar se o termo não poderia se referir a um certo conteúdo doutrinário, objeto do qual os filósofos buscavam proximidade. Esse parece ser o sentido empregado por Platão nos diálogos. Porém, para esse mesmo Platão, filósofo é também alguém capaz de exercer sua capacidade cognitiva de modo autônomo e verdadeiro, o que oferece margem à dúvidas. Talvez o mais adequado fosse considerar esse duplo significado.

Ocorre que para muitos acadêmicos modernos, os filósofos clássicos sequer mereceriam o título de filósofos, como se *pré-socrático* fosse sinônimo de *pré-filósofo*. Isso ocorre basicamente por duas razões. Primeiro, porque suas teses são interpretadas como ingênuas contribuições ao pensamento racional. E segundo, porque, entendem eles, esses filósofos foram contraditórios, cada um defendendo uma verdade diferente com base em teses antagônicas, o que faz da Antiguidade um emaranhado de teses menores e desarticuladas. Além disso, muitos entendem não haver qualquer vestígio de pensamento superior antes de Tales de Mileto, estabelecido por Aristóteles como primeiro filósofo. Seria isso correto?

Sob nossa ótica, a filosofia clássica precisa urgentemente ser revista e compreendida como um conjunto articulado de conhecimentos que foram sendo evoluindo e se consolidando com o passar do tempo, e que encontrou em Platão sua grande síntese. Para entender isso, faz-se necessário realizar uma retrospectiva dos principais argumentos por eles utilizados, demonstrando a evolução e coerência de seus argumentos. E o ponto de partida é o Egito.

A filosofia nasceu no Egito. O equívoco histórico de se considerar a filosofia como uma invenção grega não apenas desmerece os pensamentos e culturas anteriores, mas também demonstra um certo preconceito intelectual a até mesmo racial em relação ao povo egípcio. Platão e aqueles que seguiram sua tradição, no entanto, reconhecem a grande importância do Egito como uma cultura milenar.

Si observas, descubrirás allí [en Egipto] que las obras pintadas o moldeadas hace miles de años – no son miles de años por decir, sino

*realmente – no son ni más bellas ni más feas que las que hacen ahora, sino que están hechas según la misma técnica*³³.

Em Platão, não somente existe o reconhecimento da importância da cultura egípcia, mas o próprio pensamento platônico se insere como parte de uma longa tradição, absorvida pelo mundo grego por vários filósofos, principalmente Pitágoras, de origem egípcia. Para Platão, os egípcios e seus herdeiros eram melhores e viviam mais perto dos deuses.

*Y los antiguos, que eran mejores que nosotros y vivían más cerca de los dioses, transmitieron esta tradición según la cual lo que en cada caso se dice que es, resulta de lo uno y lo múltiple y tiene en sí por naturaleza límite y ausencia de límite. Así pues, dado que las cosas están ordenadas de este modo, es menester que nosotros procuremos establecer en cada caso una sola forma que abarque el conjunto – hay que encontrar, en efecto, la que está presente. Y si nos hacemos con ella, que examinemos, después de esa única forma, dos, si las hay o no, o tres, o cualquier otro número, y de nuevo igualmente cada una de ellas, hasta que uno vea no sólo que la unidad del principio es una y múltiple e ilimitada, sino también su número. Y no aplicar la forma de lo ilimitado a la pluralidad antes de ver su número total entre lo ilimitado y la unidad, y después dejar ya ir hacia lo ilimitado cada una de las unidades de los conjuntos*³⁴.

A afirmação de que os antigos viviam mais perto dos deuses antecipa, de certa forma, o conteúdo desses ensinamentos que buscava entender e explicar a criação e a constituição do universo, um tema naturalmente divino. A passagem esclarece também que esse conhecimento “importado” aborda a relação entre unidade e multiplicidade, que constituirá base para a Teoria das Ideias. Ou seja, fica caracterizado desde já essa relação entre as correntes.

A origem egípcia do pensamento filosófico grego pode ser atestada mediante algumas indicações. Antigamente, a Jônia, terra dos primeiros filósofos, ainda fazia parte de territórios de ascendência egípcia, o que deve ter facilitado o acesso dos jônios aos conhecimentos egípcios protegidos. Esse é o caso de Tales de Mileto, que conforme testemunhos, esteve pessoalmente no Egito para estudar, mas também de vários outros gregos.

*[Tales exhortó a Pitágoras] a navegar hacia Egipto y especialmente a consultar en Memfis y en Dióspolis a los sacerdotes; en efecto, junto a ellos él mismo se había procurado esos (conocimientos) por los que era considerado sabio por muchos*³⁵.

As viagens reforçam o entendimento de que os egípcios detinham certo conhecimento cultivado por padres e sacerdotes, de acesso restrito. As viagens eram necessárias porque tais conhecimentos não eram transmitidos de modo escrito, mas pela oralidade, tradição esta mantida por Pitágoras e Sócrates.

³³ Leyes 656e-657a

³⁴ Filebo 16c-e

³⁵ Jâmblico apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 30.

Analisando a história da Grécia, percebe-se que os filósofos não eram bem vistos. Muitos foram expulsos de seus lares e fixaram residência em outras cidades. Sócrates foi executado. Anaxágoras foi aprisionado e exilado. Platão – não somente por esta razão – foi vendido como escravo. Aristóteles foi indiciado e exilado. Pitágoras foi expulso de Crotón, na Itália. Também as disputas entre filósofos e sofistas se tornaram célebres. Tudo isso reforça o argumento de que a filosofia não era natural ao mundo grego. No entanto, o principal argumento dessa herança egípcia reside no fato de que o conhecimento absorvido deveria remeter a algo considerado crime de impiedade no mundo grego, punível com a morte: a crença em outros deuses, o que se relaciona diretamente com a introdução do orfismo na Grécia. Isso não somente reforça o entendimento, mas também explica porque o tema não era discutido abertamente entre os gregos, ou o porquê das doutrinas não escritas e a preferência pela oralidade.

O pleno entendimento dessa doutrina não mostra ser tarefa simples, como demonstra as tão díspares interpretações oferecidas por filósofos gregos e modernos. A principal razão para essa dificuldade é o fato desse conhecimento não ser transmitido de modo objetivo, estruturado ou analítico, mas por meio de um discurso mitológico. Mitológico, mas não menos filosófico. Platão entendia claramente a distinção entre doutrina filosófica (divina por natureza) e as religiões criadas pelos homens:

— *Querido amigo, éstos comienzan por afirmar que los dioses son productos del arte, no de la naturaleza, sino de ciertas costumbres y creencias religiosas, y que éstas son diferentes según la forma en que los hombres acordaron en cada caso entre sí cuando se dieron leyes. En particular, dicen que unas son las cosas naturalmente bellas, otras las que determina la ley, que las cosas justas no pertenecen en absoluto al ámbito de la naturaleza, sino que los hombres están continuamente disputando entre sí y cambiándolas siempre, u que cada una de las que cambian, y cuando lo hacen, es vigente en esa ocasión, porque las crean el arte u las leyes, pero no, por cierto, la naturaleza. Todo esto, amigos, pertenece a varones que los jóvenes consideran sabios, prosistas y poetas, que dicen que lo más justo es cualquier cosa que uno imponga por medio de la violencia. De ahí les vienen los actos impíos a los hombres jóvenes, porque creen que no existen los dioses con las características que la ley ordena que es necesario convebir, y por eso suceden sus sediciones, porque esos escritores los arrastan a la vida recta según naturaleza, que consiste realmente en vivir imponiéndose a los demás y no sirviendo a otros según la ley.*

— *Qué teoría has expuesto, extranjero, y cuán grande es el daño que causan los hombres jóvenes tanto a las ciudades en su actuación pública como a las casas en el ámbito privado*³⁶.

Para apreender a essência filosófica desse conhecimento e todo o platonismo, será fundamental, então, ser capaz de distinguir o alegórico:

*El niño, en efecto, no es capaz de discernir lo que es alegórico de lo que no lo es*³⁷.

³⁶ Leyes 889e-890b

³⁷ República 378e

Por outro lado, Platão entendia não ser possível uma completa desvinculação dos temas religiosos daqueles filosóficos, por ambos tratarem do divino. Nesse sentido, três outros aspectos promoveram a aproximação do discurso platônico ao tema religioso: a) a filosofia platônica guardava elementos do orfismo, os quais, apesar de serem tratados sob uma ótica racional, permitiam uma leitura religiosa; b) Platão entendia o Uno como princípio absoluto do universo, o que torna natural a associação desse conceito com Deus; c) a dialética platônica exige que o conteúdo filosófico seja transmitido com base em sua audiência, o que tornou comum o uso de alegorias, mitos e metáforas, termos comuns da cultura grega. Platão reconhece essa tradição:

«Somos los griegos que ofrecemos sacrificios más numerosos y más ricos», decían, «hemos embellecido sus santuarios con ofrendas como ningún otro y todos los años honramos a los dioses con las procesiones más suntuosas y más impresionantes, invirtiendo en ellas más dinero que todo los griegos juntos».³⁸

Para a compreensão de sua doutrina, caberá a nós, modernos, fazer o mesmo exercício e ter sabedoria suficiente para extrair o pensamento filosófico platônico de seu contexto grego.

II. Filosofia como investigação da natureza. A filosofia dos jônios. Diferença entre princípio e elemento.

O primeiro contato noticiado dos gregos com a filosofia ocorreu na Jônia, com três grandes filósofos, Tales, Anaximandro e Anaxímenes. Todos estavam imbuídos de uma mesma perspectiva, inovadora na investigação da natureza: a explicação estritamente racional e lógica dos fenômenos da natureza, de modo a se poder dispensar explicações mitológicas ou religiosas. Esses filósofos foram conhecidos como filósofos da natureza, e buscavam conhecer as causas de todas as coisas.

— Escucha, pues, que voy a contártelo. El caso es que yo, Cebes, cuando era joven estuve asombrosamente ansioso de ese saber que ahora llaman «investigación de la naturaleza». Porque me parecía ser algo sublime conocer las causas de las cosas, por qué nace cada cosa y por qué perece y por qué es».³⁹

Nascido em Mileto, Tales, conhecido como um dos setes sábios da antiguidade, propôs que a água seria o elemento primordial do universo. Pela tradição, a tese é entendida de duas formas: como representativa da ingenuidade dos primeiros filósofos, e que por isso não merece crédito, ou como uma hipótese estritamente física. Nenhuma destas interpretações parecem fazer sentido.

Quanto à acusação de ingenuidade dos chamados filósofos pré-socráticos, como se fossem pré-filósofos, trata-se naturalmente de uma interpretação superficial e equivocada, motivada sobretudo pela exígua quantidade de textos preservados. No entanto, além de ser grande a profundidade encontrada em seus ensinamentos, se bem interpretados, a história do

³⁸ Alcibíades II 148a-149a

³⁹ Fedón 96a-b

desenvolvimento de suas ideias representa também a história da reconstrução do pensamento egípcio em termos gregos. Como veremos, o caminho percorrido pela filosofia grega não somente permite uma interpretação evolutiva do entendimento destes conhecimentos, mas justifica e potencializa a grande síntese filosófica que ocorrerá em Platão.

A mitologia egípcia estava diretamente relacionada ao Nilo, sendo suas divindades expoentes das condições estruturais nas quais o povo egípcio estava submetido. Isis, Hórus e Seth representam o rio Nilo, sua margem fecunda e o deserto. Sem o rio, não haveria civilização egípcia possível. Segundo a mitologia egípcia, ... (a água primordial)

Tales de Mileto, quien fue el primero que investigó tales asuntos, dijo que el agua es el comienzo de las cosas, y un dios aquella mente que modela todo a partir del agua⁴⁰.

Por mais que tenha apontado para um elemento físico, o entendimento de Tales em relação à água era muito mais profundo e abrangente, devendo a água ser entendida como uma nutriz, uma fonte material utilizada por deus na ordenação do cosmos.

Tales (afirmó) que la inteligencia del kósmos es dios y que el todo es animado y lleno de divinidades; además, que también mediante la humedad elemental se difunde una fuerza divina que lo mueve⁴¹.

Dessa forma, já havia, desde Tales, uma concepção, ainda que imatura, de uma divindade original (monismo). Uma divindade, capaz de ordenar o universo (o todo), e que não seria mais nomeada pela mitologia egípcia ou grega.

Segundo Diógenes Laercio, também se atribuem a Tales os seguintes versos, os quais, além de melhor definir a divindade original (como primeiro, ingênito e criador), delineiam os primeiros conceitos (espaço, pensamento, necessidade e tempo) para o estabelecimento de uma cosmologia grega, ainda em construção:

El más viejo de los seres es dios; porque es ingénito. Lo más bello es el universo; porque es creación de dios. Lo más grande es el espacio pues todo lo abarca. Lo más rápido el pensamiento porque todo lo atraviesa. Lo más fuerte la necesidad porque domina todas las cosas. Lo más sabio el tempo porque todo lo descubre⁴².

Neste momento, não nos interessa propriamente o mérito, mas a temática abordada. Tales também tratou da temática da alma, ao afirmar, em uma das citações anteriores, que o todo (o universo) está cheio de divindades, ao defender que as almas são imortais, que existem inclusive em seres inanimados⁴³, bem como pela célebre expressão, que será mencionada posteriormente por Platão, de que tudo está cheio de deuses:

⁴⁰ Ciceron apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 37.

⁴¹ Aécio apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 37.

⁴² Diógenes, p. 50

⁴³ Diógenes, p. 45

[Y algunos afirman que ella (esto es, él alma) está mezclada en él todo; por eso quizás también Tales pensó que] todo [está] lleno de dioses⁴⁴.

Ou seja, Tales, reconhecidamente, pelos próprios gregos, um grande sábio da antiguidade, havia tratado dos temas centrais da metafísica. É de se estranhar, portanto, o entendimento comumente aceito de que seu discípulo direto, Anaximandro, teria seguido outro caminho de investigação, propondo explicações diversas de seu mestre. Mais apropriado e promissor é o entendimento de que o que ocorreu foi o desenvolvimento ou evolução dos ensinamentos do mestre.

Anaximandro de Mileto foi sucessor e discípulo direto de Tales. Duas de suas proposições foram fundamentais para o desenvolvimento da filosofia grega. Anaximandro foi o primeiro a utilizar o termo *arché*:

Anaximandro... ha dicho que principio y elemento de los seres es lo ilimitado, siendo el primero en introducir este nombre de 'principio'. Y dice que no es agua ni algún otro de los que se llaman elementos, sino otra naturaleza ilimitada, de la cual se producen todos los cielos y los mundos en ellos, desde lo cual hay generación para las cosas que son y hacia ello se produce la corrupción, según lo que debe ser [la necesidad]; en efecto, ellas expían y reparan la injusticia recíprocamente, según la ordenación del tiempo, diciendo así estas cosas con nombres bastante poéticos⁴⁵.

Anaximandro entendia que a investigação da natureza deveria ser realizada em torno de seu princípio, e não em torno de seu elemento fundador, como havia postulado Tales. A diferença entre as perspectivas, foi realmente decisiva para o desenvolvimento filosófico posterior, pois o termo *elemento* sempre estivera vinculado ao plano físico. Assim, Anaximandro estabelece um novo campo de investigação, extrapolando os limites da física. Enquanto a física, ou a ciência de modo geral, se concentrará no entendimento do elemento fundador e material do universo, a metafísica (termo este que será cunhado muito posteriormente) se concentrará no estudo do princípio do universo, sem as amarras materialistas. Cabe lembrar, conforme já foi apresentado, que o termo princípio também poderá ser entendido como elemento (princípio enquanto essência). Ou seja, por mais que o pensamento de Tales já fosse metafísico, é Anaximandro quem postula e expressa esse novo caminho de investigação. Platão, em mais de uma passagem, reconhece que o termo elemento nunca seria capaz de explicar a causa deste universo:

Pero llamar causas a las cosas de esa clase es demasiado absurdo⁴⁶.

Anaximandro propôs como princípio o *ápeiron*, o infinito. Sua tese, notável, se baseia no entendimento de que a matéria não poderia ter dado origem à própria matéria, assim como a água

⁴⁴ Aristóteles, Del alma, I.411a7-8

⁴⁵ Simplicio apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 48.

⁴⁶ Fedón 99a

não poderia ter dado origem a própria água, como entendera Tales. Por outro lado, se o infinito tivesse princípio, teria limite, e não seria mais princípio. Assim, ao propor o infinito como princípio, o filósofo evolui o pensamento do mestre, e estabelece uma dicotomia inicial necessária para o surgimento do cosmos:

Porque toda cosa o es un principio o proviene de un principio, ya que entonces tendría un límite. Además, en cuanto principio, sería ingenerable e indestructible, ya que todo lo generado tiene que alcanzar su fin, y hay también un término de tida destrucción. Por eso, como decimos, parece que no tiene principio, sino que es el principio de las otras cosas, y a todas abarca y las gobierna (como afirman cuantos no admiten otras causas además del infinito, como el Nous o el Amor), y que es lo divino, pues es «inmortal e imperecedero», como dice Anaximandro y la mayor parte de los fisiólogos⁴⁷.

Essa proposição parece análoga às teses de doutrinas posteriores como as de Pitágoras e Platão, bem como à temática dos conhecimentos egípcios herdados: o discurso sobre o âmbito absoluto ou divino. Ou seja, já em Anaximandro se estabelece uma vinculação entre o infinito – enquanto princípio – e deus – enquanto imortal e indestrutível. Com isso, cada vez mais o discurso metafísico constituirá fundamento lógico do pensamento teológico. Vale ressaltar, porém, que não se pode confundir, como normalmente se faz, entre esse “deus metafísico” e o Deus das religiões, que receberá, de cada qual, propriedades outras muitas vezes dogmáticas e incompatíveis com o pensamento metafísico. Não há em Tales, em Anaximandro ou mesmo em Platão, por exemplo, qualquer tipo de personificação da figura deste deus metafísico. Por essa razão, é mister advogar a isenção dessa disciplina filosófica, e entender que o pensamento metafísico absolutamente não constitui um pensamento religioso, por mais que o pensamento teológico seja, por sua natureza, metafísico.

Anaxímenes, discípulo de Anaximandro, propôs como princípio o ar. Muitos intérpretes reconhecem aqui uma descontinuidade do pensamento do discípulo em relação ao mestre. Porém, a percepção de que os filósofos naturalistas foram ingênuos pensadores, com soluções diferentes para o mesmo problema, precisa ser desconstruída. Como nos conta Diógenes Laercio, Anaxímenes propôs como princípio não somente o ar, mas “o ar e o infinito”. Ou seja, o milésio não estava negando o entendimento quanto ao infinito, mas adicionando o ar a sua cosmologia. Parece que para Anaxímenes, para o entendimento da natureza e do universo, não seria suficiente estabelecer seu princípio, enquanto origem. Também seria necessário discorrer sobre sua essência e seu impulso. Por mais que seja difícil para nós recuperarmos precisamente o argumento do filósofo, de qualquer modo não parece adequado supor que ele estivesse se referindo a algo estritamente. Tanto que o termo *pneuma* (ar) contempla vários significados, tendo sido traduzido para o latim como *spiritus* e constituindo um dos pilares das religiões.

Mais adequado parece entender que Anaxímenes estaria tentando conciliar a cosmologia do deus único, princípio e elemento do universo, com esse conceito de alma:

⁴⁷ Aristóteles, Física, Livro III, 203 b.

Anaxímenes, hijo de Eurítrato, milesio, declaró que el principio de los seres es el aire; en efecto, de éste nacen todas las cosas y en él otra vez se disuelven, como nuestra alma, que es aire, nos cohesionan, también aliento y aire abrazan el universo entero y emplea como sinónimos aér y pneuma⁴⁸.

Para Anaxímenes, o ar estaria próximo ao incorpóreo e por isso poderia compor todo o universo. Inclusive a alma seria feita de ar. O universo seria então resultado do sopro⁴⁹ divino, consolidando uma cosmologia trinitária sobre o absoluto: deus (princípio enquanto origem), ordem (princípio enquanto essência) e ar (princípio enquanto impulso ou substância), em termos muitos próximos ao que será postulado posteriormente pelo cristianismo.

III. A influência pitagórica na filosofia platônica: reencarnação, matemática e década sagrada.

Pitágoras de Samos foi certamente uma das principais referências de Platão. Segundo Diógenes Laercio, Pitágoras teria, entre outros, estudado com Anaximandro, antes de sua jornada ao Egito, a qual somente foi possível após recomendação de Polícrates, um tirano que tinha amizade com o faraó. Após aprender os três diferentes alfabetos egípcios e geometria, estudou aritmética com os fenícios, o tema do firmamento com os caldeus, e teologia com os magos. Em função de sua extrema dedicação aos estudos e práticas egípcias, foi concedido a ele (feito até então inédito) acesso à educação dos sacerdotes, além de poder penetrar nos santuários e aprender as doutrinas secretas (os mistérios) em cerimônias iniciáticas. Pitágoras passou mais de 20 anos no Egito.

O contato com Anaximandro e sua experiência no Egito reforçam a ideia de que a filosofia grega foi realmente resultado de uma reelaboração da cultura egípcia. Com tamanho conhecimento dessas doutrinas, várias foram as contribuições de Pitágoras à cosmologia grega. Em relação à investigação dos princípios da natureza, Pitágoras postulou um segundo princípio ao lado do infinito:

Pitágoras dijo que un primer principio [arché] de las cosas es la unidad [monás], por participación en la cual cada una de las cosas es llamada "uno" [hen]... Hay, por lo tanto, dos primeros principios de las cosas, el primero siendo la unidad, al participar en lo que todas las unidades aritméticas son les permite ser pensadas como unidades; la otra, la díada indefinida, al participar en aquello por lo que las díadas definidas son díadas⁵⁰.

Los pitagóricos, por cierto, han hablado igualmente de dos principios, pero añadieron lo siguiente, que es propio de ellos: creyeron que lo limitado y lo ilimitado no eran naturalezas distintas – como fuego, tierra o cualquier otra cosa tal – sino que lo

⁴⁸ Aécio apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 60.

⁴⁹ Aécio apud Reale, Giovanni. História da Filosofia Grega e Romana. Volume 1: Pré-Socráticos e Orfismo. São Paulo: Edições Loyola, 2009. P. 55

⁵⁰ Bazán, Francisco Garcia. La concepción pitagórica del número y sus proyecciones. Buenos Aires: Biblios, 2005. P. 28

*ilimitado en sí y lo uno en sí son sustancia de las cosas de las que se predicán; pero también que número es la sustancia de todas cosas*⁵¹.

Pelas citações, fica claro uma certa falta de precisão do autor ao se referir aos princípios primeiros. As passagens nos informam primeiro que os princípios não são elementos, e segundo, que também os números devem ser tratados como princípios. Pela citação, entende-se que não foram os pitagóricos não foram os primeiros a assumir a tese de dois princípios originais. A formulação do conceito de *díada ilimitada*, que seria rebatizada posteriormente como *díada do grande-e-pequeno* por Platão, estabelece uma dicotomia inicial necessária para a geração do cosmos. Ou seja, é preciso um segundo princípio capaz de promover e explicar a transformação de infinitude em finitude, da ilimitação em limitação. Sem um segundo princípio, seria possível explicar a unidade, mas não a multiplicidade da existência. Ocorre que para muitos intérpretes essa ideia promove uma cosmologia fundada em dois princípios originais, o que inviabilizaria a tese. Se este fosse o caso, não haveria coerência no discurso filosófico, como bem mostrou Platão e Plotino, séculos mais tarde. Para garantir lógica e coerência, o segundo princípio somente poderia ser entendido como desdobramento do primeiro, uma vez que não se cabe falar em dois princípios originais e absolutos. Havendo dois, um delimitaria o outro, tornando-os não mais absolutos. O segundo princípio deve, necessariamente, ter sua origem no primeiro princípio.

A passagem anterior é representativa da relação que os pitagóricos desenvolveram com a matemática e a geometria. A mesma expressão pode ser lida em mais detalhes na obra de Aristóteles:

Ahora bien, en (tiempos de) éstos y antes de éstos, los llamados pitagóricos, los primeros en haber tratado los conocimientos matemáticos, hicieron avanzar estos (estudios) y, por haber crecido en ellos, creyeron que los principios de ellos eran principio de todos los seres. Pero ya que de éstos los números son por naturaleza los primeros, les parecía ver en ellos muchas semejanzas con las cosas que son y que llegan a ser – más que en el fuego, en la tierra y en el agua –, porque tal cualidad de los números (sería) justicia, tal el alma y la inteligencia, tal el momento oportuno, y de modo similar, por así decir, cada una de las otras cosas; e inclusive veían en los números las cualidades y las proporciones de las armonías musicales. Puesto que les parecía que en las demás cosas toda la naturaleza era semejante a los números y que los números eran primeros que toda la naturaleza, supusieron que los elementos de los números eran los elementos de todos los seres y el cielo entero era una armonía y un número. Y habiendo reunido cuantas cosas tenían semejanzas tanto en los números como en las armonías musicales, respecto de los fenómenos y partes del cielo y respecto del orden del universo, a todas ellas las adaptaban (en un sistema)...
... Parece, pues, que ellos consideraban que el número es principio tanto como materia cuanto como condiciones y hábitos de los seres, y que elementos del número son lo par y lo impar, y de éstos lo

⁵¹ Aristóteles, Metafísica, I.987a13-19

*limitado y lo ilimitado, y que lo uno es a partir de estos dos (en efecto, es par e impar), y que el número es a partir de lo uno, y - como se ha dicho - números es todo el cielo*⁵².

O trecho mais importante da passagem acima diz respeito à interpretação do papel dos números na cosmologia grega: “los elementos de los números eran los elementos de todos los seres”. Essa expressão é normalmente entendida do mesmo modo por grande parte dos intérpretes de Pitágoras: os números são elementos de todas as coisas. Trata-se, no entanto, de um equívoco histórico que promoveu inúmeros prejuízos à interpretação da filosofia antiga. Somente muito recentemente⁵³ foi possível reparar o mal entendido, restando-nos reavaliar toda interpretação produzida sobre o tema no curso da história. No trecho, Pitágoras não afirma que os números são elementos de todas as coisas, mas que os elementos dos números são os elementos de todas as coisas. Ou seja, o filósofo reconhece algo ainda mais essencial do que a ideia do número, e que essa essência deveria dar origem aos números mas também a todas as coisas. Os pitagóricos somente poderiam estar se referindo ao conceito de lógica, *logos* em grego. De fato, não seria possível existir disciplinas tais como matemática e geometria, na ausência da lógica. Para eles, se o universo é um *kosmos* (ordem em grego), deve ser ordenado, matemático e lógico. Por isso, os ensinamentos de Pitágoras eram baseados nos estudos de música, aritmética e geometria.

Outra contribuição fundamental dos pitagóricos para o pensamento platônico foi a Década Sagrada. Apesar dos trabalhos e pesquisas existentes, não se tem notícia de qualquer explicação coerente ou aproximada do real significado da *tetraktys*. Expressa pela fórmula $1 + 2 + 3 + 4 = 10$, alguns intérpretes relacionam o ensinamento com os números ideais de Platão, mas sem mais explicações. Vejamos o relato de Sexto Empírico:

*E indicando esto los pitagóricos están acostumbrados unas veces a decir que todas las cosas se adecuan al número y otras a jurar con una fórmula muy característica: "por el que nos transmitió la tetraktys, fuente que contiene las raíces de la siempre fluyente naturaleza". Con "el que transmitió" quieres decir Pitágoras (a éste, en efecto, lo consideraban un dios) y con tetraktys, un número que, compuesto de los cuatro primeros números, alcanzaba la perfección, el diez. Este número es la primera tetraktys y fue llamado "fuente de la siempre fluyente naturaleza" en tanto todo el kósmos, según ellos, se dispone armónicamente; y la armonía es un sistema de tres intervalos musicales: la cuarta, la quinta y la octava, y las analogías de estos tres intervalos musicales se encuentran en los cuatro números antes mencionados: en el uno, en el dos, en el tres y en el cuatro*⁵⁴.

O filósofo esclarece que a *tetraktys* é uma equação, de origem divina, que explica toda a natureza e ordena o cosmos. É, neste sentido, a própria ordem do universo, o princípio do universo

⁵² Aristóteles, Metafísica, I.985b23-986a6 y 986a15-21

⁵³ Rubi

⁵⁴ Sexto Empírico apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 84.

enquanto essência. A explicação da Década Sagrada e sua absorção pelo platonismo será oferecida oportunamente. Por ora, cabe destacar que não se observa uma descontinuidade filosófica dos pitagóricos em relação aos milésios, mas um detalhamento de seus ensinamentos. Interessante notar que a Década, muitas vezes também representada graficamente (uma pirâmide de pontos pretos), expressa um certo sentido de recursividade, uma vez que o número 10 é de certo modo o número 1, agora em um novo plano. Colocando essa fórmula ao lado do entendimento esboçado anteriormente da lógica como fundamento da ordem cósmica, obtêm-se duas possibilidades de interpretação: ou os pitagóricos entendiam a *tetraktys* simplesmente como uma expressão matemática para denotar ordem e lógica no processo de criação da natureza, ou a expressão teria um sentido mais profundo, onde cada número da equação teria um significado próprio associado a uma lógica distinta, o que implicaria necessário realizar uma revisão conceitual do significado moderno de lógica. Esse é o nosso entendimento.

O terceiro ensinamento de Pitágoras a destacar, é sobre a metempsicose, a transmigração das almas de um corpo a outro. Trata-se da crença na reencarnação, um tema naturalmente ético e religioso. Ético por que a próxima encarnação ocorre sempre em função da virtude da vida pregressa das pessoas. Religioso porque discorre sobre aspectos que, de certo modo, extrapolam os limites racionais da investigação científica. Porém, o que gostaríamos de destacar (o mesmo será feito com relação à Platão) é o aspecto filosófico dessas doutrinas, muitas vezes esquecido ou ignorado por conta de pré-conceitos acadêmicos. Em suma, a tese da metempsicose exige tanto que a alma seja imortal, quanto que ela deva ser capaz de “carregar” conhecimentos de uma vida à outra, o que a tornará similar ao conceito de reminiscência de Platão. Note que os dois conceitos são fundamentais para explicação da evolução da natureza, uma vez que somente pode ocorrer evolução mediante a existência de uma memória natural. Afinal, o que evolui não são os indivíduos, mas as espécies. Sem uma memória persistente, o conceito de evolução seria inviabilizado. Vale ressaltar, para evitar prejuízos, que essa abordagem não pretende explicar o destino da alma após a morte, mas simplesmente se valer dos conceitos para explicar a criação e evolução do cosmos. Afinal, o tema é metafísica, não religião.

IV. A dicotomia do ser entre o movimento e o repouso. As posições de Heráclito e Parmênides.

Heráclito de Éfeso, conhecido como o obscuro, foi um dos grandes filósofos gregos e dizia não ser discípulo de ninguém. Porém, segundo Diógenes Laercio, conhecia os ensinamentos de Hesíodo, Jenófanes, Hecateo e Pitágoras, que acusava de erudição (dizia que erudição não implica sabedoria) e de assumir como suas doutrinas de outros. De seus trechos preservados, algumas passagens expressam bem suas maiores contribuições, as quais, em nossa opinião, se alinham ao caminho de evolução já mencionado.

Los hombres resultan incapaces de entender el lógos este que siempre es, tanto antes de haber(lo) escuchado como después de

haberlo escuchado por primera vez. En efecto, ya que todas las cosas llegan a ser según el lógos este, se asemejan a inexpertos, aunque tengan la experiencia de palabras e obras tales cuales yo estoy exponiendo, al distinguir cada cosa según naturaleza y declarar cómo es. Pero a los demás hombres se les ocultan cuantas cosas hacen mientras están despiertos, tal como se olvidan de cuantas cosas (hacen) durmiendo⁵⁵.

Assim como Pitágoras, Heráclito se refere a um *lógos* divino (que sempre é) que ordena todo o cosmos, uma vez que todas as coisas chegam a ser segundo ele. Trata-se de um conhecimento acessível a poucos, pois mesmo aqueles que já escutaram à respeito, não entenderam. Outras passagens somente poderão ser entendidas à luz da Década Sagrada de Pitágoras:

No entienden cómo, divergiendo, concuerda consigo mismo; armonía contrapuesta, como la del arco y la lira⁵⁶.

Somente é possível que coisas diversas concordem entre si, no caso dessa divergência compor, ao final, uma totalidade. É disso que trata a *tetraktys*. A equação pitagórica expressa, entre outras coisas, como totalidades são criadas. Cada número posterior ao 1 representa uma progressiva divergência em relação à unidade inaugural, mas que atinge no 10 uma nova unidade, agora em outro plano. O número 10 representa a totalidade construída a partir do número 1. Ou seja, a década (10) é também uma como a mônada (1), porém resultado de uma composição que transcende o 1 original, encontrando-se em outro grau de complexidade. Esse mesmo movimento irá agora se repetir com novas totalidades, até que todo o universo tenha sido coberto. É por isso que Heráclito afirmava que:

El camino hacia arriba-hacia abajo, uno y el mismo⁵⁷.

Es propio del alma un lógos que se acrecienta a sí mismo⁵⁸.

Apesar de Heráclito não citar diretamente a Década Sagrada, parece muito razoável supor que estivessem falando da mesma coisa o usando abordagem análoga. O *lógos* é portanto esse princípio e essa ordem universal, que não somente ordena o universo, mas cada um dos elementos existentes dentro dele. O universo inteiro é para Heráclito uno e unidade:

Después de haber escuchado no a mí sino al lógos, es sabio reconocer que todo es uno⁵⁹.

Outra consideração fundamental de Heráclito diz respeito a seu entendimento sobre a capacidade do pensamento:

⁵⁵ Sexto Empírico apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 175.

⁵⁶ Hipólito apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 221.

⁵⁷ Hipólito apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 229.

⁵⁸ Diógenes Laércio apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 275.

⁵⁹ Hipólito apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 219.

*Pues una sola cosa es lo sabio: conocer el pensamiento, el que gobierna todas las cosas a través de todas*⁶⁰.

Heráclito afirma que o sábio conhece o pensamento, ou melhor, a essência do pensamento. Uma essência que não somente governa todas as coisas, mas se faz presente em todas elas. Com o discurso, o efésio está se referindo novamente ao *lógos*. Porém, até aqui, o *lógos* era entendido apenas como princípio e ordem do cosmos. Ou seja, sempre na esfera objetiva. Ao utilizar o termo *pensamento*, Heráclito se aproxima, ainda que de forma incipiente, de um visão do *lógos* como princípio natural e racional ao mesmo tempo, o que vai ao encontro da interpretação do *lógos* como lógicas. Essa abordagem foi tão decisiva e importante para a filosofia, que a partir de Heráclito, os filósofos passaram a vincular de maneira cada vez mais destacada a relação entre os âmbitos subjetivo e objetivo da realidade, especialmente Platão, com o conceito de *ideia*. Também por isso, cada vez mais o termo *inteligência*, antes restrito à subjetividade, passou a ser tratado de forma objetiva.

Finalmente, e não menos importante, Heráclito desenvolveu a ideia de que o cosmos é um eterno fluxo, um eterno vir a ser (devir). Ao fazer isto, o filósofo colocou em julgamento toda pretensão humana de um conhecimento seguro sobre o mundo, já que logo depois de qualquer pensamento, o objeto pensado já seria outro. Por isso, afirmava não se poder entrar no mesmo rio duas vezes. Vale destacar como sua visão se coaduna com a visão moderna de um universo em evolução.

*Sobre aquellos que entran en los mismos ríos fluyen aguas cada vez distintas*⁶¹.

*En los mismos ríos entramos y no entramos, somos y no somos*⁶².

*No es posible [en efecto] entrar dos veces en el mismo río [...] se dispersa y de nuevo se reúne [...] se acerca y se aleja*⁶³.

Tão fundamental quanto Heráclito foi Parmênides de Elea. Um dos mestres de Platão, Parmênides dá nome a um de seus diálogos, tendo inclusive um de seus poemas replicado pelo ateniense. Foi discípulo de Jenófanes, que teria sido, por sua vez, discípulo de Anaximandro, segundo conta Diógenes Laércio (o qual não lhe dá muito destaque). Parmênides também teria estudado com os pitagóricos. Um de seus fragmentos mais importantes retrata boa parte de seus pensamentos metafísicos:

Jamás, en efecto, podrá imponerse esto: que las cosas que no son sean. Tú, en cambio, aparta tu pensamientos de este camino de búsqueda, y que la tan habitual experiencia no te fuerce, por este

⁶⁰ Diógenes Laércio apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 211.

⁶¹ Eusebio apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 185.

⁶² Heráclito apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 217.

⁶³ Plutarco apud Filósofos presocráticos. Fragmentos I / Tales de Mileto... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2008. p. 255.

camino, a aplicar un ojo desatento, un oído retumbante y la lengua, sino que con el lógos discierne el muy probado argumento proferido por mí.

Queda, pues, un solo modo de hablar: que ES. Y en él hay muchísimos indicios: que a; ser ingénito es también indestructible; en efecto, (es) todo íntegro, e inconvencible y sin fin. Y no era una vez, ni será, ya que es ahora todo juntamente, uno, continuo; pues, ¿qué origen podrías buscarle?, ¿cómo y de dónde se habría acrecentado? Y no te permitiré que digas ni pienses que (es) desde lo que no es; en efecto, no es decible ni pensable el no-ser; ¿qué necesidad lo habría impulsado antes o después a devenir tomando comienzo de la nada?

Así es necesario que sea absolutamente o no. Ni jamás admitirá una fuerza de convicción que de lo que no es llegue a ser ni perezca (le) deja Dike, soltándolo de los grillos, sino que no tiene. Y el juicio acerca de estas cosas está en lo siguiente: ES o NO ES. Por tanto, está (ya) decidido, como es necesario, dejar de lado a uno (de los caminos), como impensable y sin nombre, pues no es un camino verdadero, pero al otro (no): que es y es verdadero⁶⁴.

Uma das teses mais debatidas pelos filósofos antigos era de que o cosmos poderia ter surgido a partir do nada. Parmênides foi categórico ao refutar tal tese, ao afirmar que para que algo surja faz-se necessário ao menos potencia de ser, e sendo potência, já existe. Nada pode surgir do nada. Por isso, explica que o caminho do ser é necessário, enquanto o caminho do não ser é impensável. O eleata afirma que esse ser que é, é ingênito, íntegro, completo e imóvel. Para muitos, trata-se da clássica contradição à posição de Heráclito, que entendia que tudo está em movimento.

Ocorre que um metafísico entenderia que na natureza existem dois tipos de ser, um absoluto, outro relativo, conforme apresentado anteriormente. Enquanto Heráclito se referia ao ser relativo (cosmos), de mudança constante, Parmênides discorre sobre o ser absoluto, o que, além de não configurar uma contradição verdadeira, permite conciliar ambas as interpretações.

Importante destacar a expressão utilizada por Parmênides ao se referir ao absoluto, que também será empregada por Platão no Timeo: “o ser que é”. O verbo *ser* normalmente exige um predicativo, pois quem é, é alguma coisa, e o que é determinado, não pode ser diferente do que é. No entanto, ao ocultar o predicativo, Parmênides quer expressar uma existência não limitada por alguma determinação, exatamente no sentido do âmbito absoluto.

Sobre o plano subjetivo, Parmênides afirma:

Observa, sin embargo, que las cosas ausentes están firmemente presentes para la inteligencia: en efecto, no separarás el ente de modo que no sea contiguo del ente ni por todas partes (esté) disperso totalmente en el cosmos, ni reuniéndose...⁶⁵

Esta outra passagem expressa algo similar ao que Heráclito já havia antecipado acerca do pensamento, agora valendo-se do termo inteligência. Parmênides afirma que existem certas realidades que são visíveis apenas para a inteligência, mas que não existem de forma separada do

⁶⁴ Filósofos presocráticos. Fragmentos II / Parménides ... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2009. p. 41.

⁶⁵ Filósofos presocráticos. Fragmentos II / Parménides ... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2009. p. 37.

ente. Aqui cabem duas interpretações. Ou tratam-se de aspectos que são distinguíveis apenas analiticamente pela razão, mas que não cabem ser separados do ente; ou tratam-se de realidades distintas mas *contíguas*, e que, igualmente, não podem ser separadas. Ambas as interpretações são promissoras. Porém, melhor seria afirmar que a razão é capaz de perceber apenas aquelas diferenças que se manifestam objetivamente. Ou seja, elas tanto existem na natureza, quanto são percebidas pela razão.

Outra constatação importante sobre a passagem é a crescente associação da cosmologia grega com *inteligência*. A escolha do termo é importante e será preferida por muitos filósofos, inclusive Platão, em seu discurso sobre a Teoria das Ideias, pois permite ser aplicado igualmente aos âmbitos subjetivo e objetivo da natureza. Termos como ordem, lógica, ideia, inteligência, pensamento, matemática, etc., passam a delinear ou apontar para um certo âmbito existencial que será nomeado por Platão de *inteligível*, no sentido de que o cosmos é essencialmente inteligência. Dessa conclusão, os aspectos objetivo e subjetivo não podem mais ser tratados diferentemente, o que levará Parmênides a estabelecer aquela que pode ser considerada sua máxima:

*...pues lo mismo es pensar y ser*⁶⁶.

O entendimento preciso desta expressão é normalmente subestimado ou mal entendido por quase todos os intérpretes. *Ser e pensar é o mesmo* é entendido no sentido de que existe uma correspondência necessária entre ser e pensar, entre os âmbitos objetivo e subjetivo da existência, o que fundamentou muitos pensamentos modernos, epistemologias, fenomenologias, etc. Porém, dizer que *ser e pensar é o mesmo*, para Parmênides significava primeiro dizer que *pensar é ser*! Não pode haver nada para além do ser; se o pensar existe, o pensar é necessariamente expressão do ser. Logo, se o ser se manifesta de certa forma, segundo certa ordem, essa ordem também definirá a manifestação do pensamento. Com isso, a solução proposta anteriormente do *lógos* como lógica recebe um sentido ainda mais importante: se a lógica, modernamente entendida como instrumento da razão, fosse entendida como ordem (*lógos*), ela representaria justamente o elo de ligação entre os âmbitos objetivo e subjetivo, preenchendo umas das lacunas mais significantes da história da filosofia. A magnífica expressão de Parmênides demarcou de forma decisiva a originalidade do pensamento grego, e de modo geral, o próprio pensamento filosófico ocidental.

A última passagem selecionada de Parmênides, expressa um aspecto ainda pouco explorado e que se fará presente no diálogo Banquete de Platão:

Primero de todos los dioses concibió a Eros...⁶⁷

O Eros, o amor, também receberá um sentido metafísico importante no desenvolvimento cosmológico grego. O tema será tratado detalhadamente por Platão. Cabe destacar, em ambos os pensadores, o entendimento do amor como relacionado ao âmbito divino, e por isso, ao âmbito absoluto. Também Afrodite será chamada à discussão, como na passagem a seguir, na qual Platão

⁶⁶ Filósofos presocráticos. Fragmentos II / Parmênides ... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2009. p. 35.

⁶⁷ Filósofos presocráticos. Fragmentos II / Parmênides ... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2009. p. 63.

questiona diferentes visões à respeito do ser, não por discordar, mas porque os filósofos não foram explícitos quanto ao seu significado: uns acham que o ser é uno, outros acham que o ser é múltiplo, e outros acham que o ser é uno e múltiplo.

-- *Me parece que, tanto Parménides como aquellos que alguna vez se propusieron definir cuántos y cuáles son los entes, se dirigieron a nosotros con legeresa.*

-- *¿Cómo?*

-- *Me da la impresión de que cada uno de ellos nos narra una especie de mito, como si fuésemos niños. Uno dice que los entes son tres, que a veces pelean entre sí, y otra veces, convertidos en amigos, llevan a cabo casamientos y nacimientos, y alimentan a sus descendientes. Otro dice que son dos, lo húmedo y lo seco, o lo caliente y lo frío, que cohabitan y se casan. El grupo eleata, que partió de nosotros y que comenzó con Jenófanes y antes aún, expone en sus mitos que la llamada multiplicidad no es sino un solo ente. Luego, ciertas Musas de Jonia y de Sicilia pensaron que era más fácil combinar ambos mitos y decir que el ser es múltiple y uno, pues el odio y la amistad lo unen. Discordando, siempre concuerda, dicen las más ásperas de estas Musas, mientras que las más suaves permiten que esto no sea siempre así y sostiene que unas veces el todo es uno y amigo gracias a Afrodita, y que otras veces es múltiple y enemigo de sí mismo, en virtud de cierta enemistad. Es difícil afirmar si todo esto que se ha dicho es verdad o no, y sería un gran despropósito censurar a hombres famosos y antiguos⁶⁸.*

Tanto Eros quanto Afrodite participam de um debate sobre o amor, uma força capaz de tornar uma a dualidade, e nesse sentido, se aproxima da discussão sobre a totalidade e o número 10 da *tetractys* de Pitágoras.

V. O nous de Anaxágoras: o ponto de partida do Fédon de Platão. Demócrito e o homem como centro da experiência filosófica.

Outro filósofo citado por Platão foi Anaxágoras, de Clazómenas, localizada nas costas jônicas da Ásia Menor. Também discípulo de Anaximandro e Anaxímenes. Segundo Diógenes Laercio, Anaxágoras foi o primeiro a propor a inteligência (*noûs*) como antecedente ontológico à matéria, o que vai ao encontro do entendimento de Parmênides.

Como essa jornada na história da filosofia antiga tem mostrado, o conceito de *lógos* vai se aproximando cada vez mais do conceito de *noûs*. Note a descrição deste conceito na passagem a seguir:

Las demás cosas tienen parte de todo, pero el noûs es ilimitado y se gobierna a sí mismo y no está mezclado con ninguna cosa sino que él solo es por sí mismo. Pues si no fuera por sí mismo sino que estuviera mezclado con alguna cosa, participaría de todas las cosas, si estuviera mezclado con algo; en efecto, en todo hay una parte de todo, como antes ha sido dicho por mí; y las cosas mezcladas lo obstaculizarían, de modo que no tendría poder sobre ninguna cosa (tal como lo tiene), siendo solo por sí mismo. Pues es la más sutil de todas las cosas, y la más pura, y posee, sí, todo conocimiento acerca de todo, y tiene la máxima fuerza. Y cuantas cosas

⁶⁸ Sofista 242c-243a

tienen alma, tanto las más grandes como las más pequeñas, sobre todas tiene poder el noûs, de modo que (pudo) dar comienzo al girar. Y primeramente comenzó a girar a partir de lo pequeño y luego gira más y girará aún más. Y las cosas que se están mezclando y que se forman por separación y que se separan, a todas las conoce el noûs; y cuáles cosas iban a ser, y cuáles eran que ahora son, y cuántas serán, a todas las dispuso ordenadamente el noûs, y al movimiento giratorio, el que ahora recorren girando los astros y el sol y la luna y el aire y el éter, los que se forman por separación. Y este mismo movimiento giratorio hizo que se formaran por separación. Y se forman por separación lo denso a partir de lo raro y lo cálido a partir de lo frío y lo brillante a partir de lo oscuro y lo seco a partir de lo húmedo. Ahora bien, hay muchas partes de muchas cosas, mas de ninguna manera se forman dividiendo-se por separación una cosa de la otra excepto el noûs. Y el noûs es totalmente homogéneo, el más grande y el más pequeño. Pero ninguna cosa es semejante a otra, sino que cada cosa es y era aquello que en mayor proporción y en forma más visible está en ella⁶⁹.

Que dizer desta passagem maravilhosa? Nela, Anaxágoras afirma que a inteligência (noûs) é princípio e ordem, de natureza ilimitada, e portanto independente e homogênea. Por ilimitada, entende que se trata de uma ordem absoluta, divina. Por independente e homogênea, que a ordem não se confunde com nada existente, pois se fosse algo determinado, não poderia ordenar o que lhe fosse diferente. Por não se parecer com nada, é capaz de ordenar tudo. Também afirma que o noûs ordena não somente o universo, mas todo seu conteúdo, do mais pequeno ao mais grande. E que tudo começa do pequeno, o que implica um caminho de crescente complexidade. Este será o ponto de partida da discussão do Fédon, onde Platão o critica por não explicar o noûs em detalhes. Compare a citação anterior com o seguinte fragmento do Filebo:

*-- ¿Afirmamos, Protarco, que a todas las cosas y a esto que llamamos universo los rige el poder de lo irracional, el azar y lo que salga, o, por el contrario, como decían nuestros predecesores, lo gobiernan el intelecto y una admirable prudencia que lo ordena?
-- Nada de eso, sorprende Sócrates. Lo que tú dices ahora no me parece piadoso. Sino que decir que el intelecto lo ordena todo, eso es lo que es digno de lo que vemos del cosmos y del sol, de la luna y las estrellas y de toda la revolución celeste, y, por lo menos yo, no podría expresarme ni opinar de otro modo sobre ello⁷⁰.*

Fica claro como conceitos como *kósmos*, *lógos* e *noûs* se assemelham e demarcam o olhar grego sobre a natureza, os estudos de filosofia clássica e a própria metafísica. Também o termo *atomos* se juntará a esse pavilhão.

Demócrito de Abdera pertence a última fase do presocratismo. Teve vinculação com Zenão, discípulo de Parmênides, estudou a filosofia jônica, geometria no Egito e frequentou lições de Sócrates em Atenas. Demócrito criticava Anaxágoras por afirmar serem seus certos conhecimentos cosmológicos de origem muito mais antiga. Seu nome está vinculado ao de Leucipido e à teoria

⁶⁹ Filósofos presocráticos. Fragmentos II / Parménides ... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2009. p. 285.

⁷⁰ Filebo 28d-e

atomista. Seu conceito de átomo deve ser encarado no sentido de *forma* indivisível, ou seja, um conceito não exatamente material como atualmente.

Sobre Demócrito, parece interessante destacar uma passagem muito representativa da grande mudança cultural ocorrida na Grécia: o homem e a comunidade política passaram gradativamente a representar o centro da prática filosófica:

*El hombre es un microcosmos*⁷¹.

VI. A sofística grega e o homem como medida de todas as coisas. Sócrates, o mais sábio de todos os homens.

A filosofia, ou ao menos a abordagem grega sobre o que os antigos chamavam de sabedoria, nasceu com Tales e se descuidou inicialmente, ou pelo menos deixou à sombra, o ser do homem. Talvez isso tenha ocorrido em função da grande notoriedade alcançada pelos primeiros filósofos, que com suas teses abstratas, tornaram muito valorizado esse tipo de estudo. Porém, aos poucos o tema do homem foi entrando em pauta.

Se os antecedentes da filosofia natural remetem ao Egito, a filosofia política teve sua origem na poética. Obras como *Odisséia* e *Ilíada* delinearam, embora de modo rudimentar, uma concepção ética mais geral. Outros conceitos foram sendo incorporados gradualmente, como os de *justa medida*, *estado médio* e *medida média*. Assim, aos poucos, o homem foi se tornando objeto de reflexão da filosofia. Nesse cenário, coube aos sofistas operar uma verdadeira revolução em relação aos filósofos da natureza, no modo como encaravam o conhecimento, e principalmente em função do caráter prático de seus ensinamentos, utilizáveis no dia-a-dia da *ágora*.

A chegada da democracia potencializou debates políticos, e a *ágora* se tornou campo de batalha. Já não era mais importante ter o melhor conhecimento, mas a melhor retórica. Vários diálogos platônicos descrevem esse cenário e receberam nomes de grandes personalidades da época, como Protágoras e Górgias. Inclusive, é de Protágoras a expressão que praticamente define o pensamento sofístico: “o homem é a medida de todas as coisas”. É nesse jogo de cena que surge a figura de Sócrates, um dos mais conhecidos filósofos de todos os tempos, com o maior número de discípulos que se tem notícia. Sócrates, mestre de Platão, teve recebido aulas com Anaxágoras. Foi considerado pelo Oráculo de Delfos como o homem mais sábio da Grécia.

Sócrates surge como uma contrarreação à sofística, colocando no centro da filosofia do homem os mesmos princípios naturais, já que o homem também pertence e está submetido às mesmas regras. Seu modo de filosofar o tornou célebre, tendo criado inúmeras inimizades, o que culminou em sua condenação à morte, acusado de impiedade. Tal crime estaria relacionado ao descaminho de jovens e à crença em outros deuses, o que implica, por outro lado, uma crítica aos deuses gregos. Como os diálogos platônicos deixam claro, Sócrates e Platão eram metafísicos e defendiam a existência de um princípio natural para a existência, o que os aproximam de crenças monoteístas. É por isso muitos filósofos antigos sofreram perseguições em suas cidades. Talvez por

⁷¹ Filósofos presocráticos. Fragmentos II / Parménides ... [et. al.] – 1a. ed. – Buenos Aires: Losada, 2009. p.337.

isso, também, Platão não tenha sido de todo explícito em seus textos, relegando parte de seus ensinamentos às Doutrinas Não Escritas. De qualquer modo, não parece adequada a tese de que Sócrates e Platão não comungassem de um mesma perspectiva metafísica, como se este fosse metafísico e aquele simplesmente político.

Acusado, suas crenças e sua prática de vida fizeram com que ele nunca considerasse a ideia de exílio. Sócrates morreu defendendo seus ideais e se tornou mártir da razão. Para ele, a vida prática somente é possível após a vida teórica, de modo a se obter um entendimento pleno sobre o macrocosmos e o microcosmos, como dissera Demócrito. Conhecer o *noûs* é conhecer o que tudo ordena. Mas para conhece-lo, não é preciso buscar fora, basta olhar para si mesmo:

En vista de ello, mi querido amigo, hazme caso a mí y a la máxima de Delfos <<conócete a ti mismo>>⁷².

Sobre a política, Sócrates entendia que a verdadeira política era para poucos, que era preciso ser preparado para seu exercício, e que, se a vida é um exercício prático, somente com um entendimento sobre a natureza poderia o homem ter competência para agir bem.

Creo que soy uno de los pocos atenienses, por no decir el único, que se dedica al verdadero arte de la política y el único que la practica en estos tiempos⁷³.

Somente depois de estar preparado e ter conhecimento sobre a natureza do cosmos e do homem, o homem deve assumir seu papel nos assuntos públicos:

Después, cuando nos hayamos ejercitado así en común, entonces ya, si nos parece que debemos hacerlo, nos aplicaremos a los asuntos públicos o deliberaremos qué otra cosa nos parece conveniente, puesto que seremos más capaces de deliberar que ahora⁷⁴.

Foi nesse contexto social, político e cultural que Sócrates encontraria aquele que se tornaria, por sua influência direta, em nossa opinião, no maior filósofo de todos os tempos. Assim narra Diógenes Laércio o encontro entre os dois grandes:

Se dice que Sócrates vio en sueños que tenía un cisne de poca edad en sus rodillas, que al punto desarrollaba sus alas y echaba a volar cantando dulcemente. Y al día siguiente se encontró con Platón, y dijo que él era el ave⁷⁵.

⁷² Alcibíades I 124a

⁷³ Gorgias 521d

⁷⁴ Gorgias 527d

⁷⁵ Diógenes 155